ANA CELIA DE OLIVEIRA PAZ
ELÓI MARTINS SENHORAS
(organizadores)



EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

AGENDAS TEMÁTICAS

EDITORA

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Agendas Temáticas

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Agendas Temáticas

ELÓI MARTINS SENHORAS
ANA CÉLIA DE OLIVEIRA PAZ
(organizadores)

BOA VISTA/RR
2026

Editora IOLE

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.



EXPEDIENTE

Revisão
Elói Martins Senhoras
Geane Ribeiro Silva Monteiro

Capa
Alokike Gael Chloe Hounkonnou
Elói Martins Senhoras

Projeto Gráfico e Diagramação
Elói Martins Senhoras
Balbina Líbia de Souza Santos

Conselho Editorial
Abigail Pascoal dos Santos
Charles Pennaforte
Claudete de Castro Silva Vitte
Elói Martins Senhoras
Fabiano de Araújo Moreira
Julio Burdman
Marcos Antônio Fávaro Martins
Rozane Pereira Ignácio
Patrícia Nasser de Carvalho
Simone Rodrigues Batista Mendes
Vitor Stuart Gabriel de Pieri

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

Se71 SENHORAS, Elói Martins; PAZ, Ana Célia de Oliveira Paz (organizadores).

Educação de Jovens e Adultos: Agendas Temáticas. Boa Vista: Editora IOLE, 2026.

Série: Educação. Editor: Elói Martins Senhoras.

ISBN: 978-65-979656-5-6

1 - Brasil. 2 - Educação de Jovens e Adultos. 3 - Empiria. 4 - Estudos de Caso. 5 - Teoria.
I - Título. II - Senhoras, Elói Martins. III - Educação. IV - Série

CDD–370

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores.
O presente livro contou com avaliação às cegas no sistema double-blind-review.



EDITORIAL

A editora IOLE tem o objetivo de divulgar a produção de trabalhos intelectuais que tenham qualidade e relevância social, científica ou didática em distintas áreas do conhecimento e direcionadas para um amplo público de leitores com diferentes interesses.

As publicações da editora IOLE têm o intuito de trazer contribuições para o avanço da reflexão e das práxis em diferentes áreas do pensamento e para a consolidação de uma comunidade de autores comprometida com a pluralidade do pensamento e com uma crescente institucionalização dos debates.

O conteúdo produzido e divulgado neste livro é de inteira responsabilidade dos autores em termos de forma, correção e confiabilidade, não representando discurso oficial da editora IOLE, a qual é responsável exclusivamente pela editoração, publicação e divulgação da obra.

Concebido para ser um material com alta capilarização para seu potencial público leitor, o presente livro da editora IOLE é publicado nos formatos impresso e eletrônico a fim de propiciar a democratização do conhecimento por meio do livre acesso e divulgação das obras.

Prof. Dr. Elói Martins Senhoras

(Editor Chefe)

Copyright © Editora IOLE
2026

CAPÍTULO 2

Educação de Jovens e Adultos em Paragominas (PA):
A Perspectiva de um Estágio Supervisionado de Química

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM PARAGOMINAS (PA): A PERSPECTIVA DE UM ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE QUÍMICA[1]

Maik Cauan Silva Recoliano[2]

Antônio Pereira Júnior[3]

A formação docente demanda a compreensão dos desafios que emergem no estágio acadêmico nos cursos de graduação, especialmente os de licenciaturas como o de Química. Quando isto envolve o Ensino de Jovens e Adultos – EJA, as dificuldades se elevam. Moraes (2024), explica que este fato está atrelado a composição do quadro de educandos com diferentes faixas etárias, responsabilidades familiares e jornadas de trabalho extensas. Farias *et al*. (2024) complementa estes problemas, pois reforça que a falta de hábito de estudar deixa lacunas que necessitam ser preenchidas a partir de uma programação de aulas mais dinâmica e atrativas como as práticas em Química.

Por outro lado, muitos licenciandos encontram dificuldades ao enfrentar a prática pedagógica. Brazier e de Barros (2022) relatam que isto ocorre devido a não compreensão, por eles, do fosso existente entre a teoria apreendida na academia e a realidade escolar. Nesse contexto, Albuquerque *et al*. (2022), escreveram que este

[1] A presente pesquisa trata-se do resultado de um Programa de Iniciação à Docência (PIBID), contando com o apoio institucional da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e da Escola Estadual de Ensino Médio Professor Raimundo Laureano da Silva Souza.

[2] Graduado em Química pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail para contato: silvarecol@gmail.com

[3] Professor da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Doutor em Ciências Ambientais. E-mail para contato: antonio.junior@uepa.br

desconhecimento, por parte do licenciando, é um entrave para ele desenvolva e empregue, nas salas de aulas, durante o estágio acadêmico, metodologias ativas que mitiguem distância deste fosso, o que também diminuiria a complexidade da prática educacional.

As dificuldades de estágio envolvem também a não experiência do licenciando e futuro docente nos espaços do EJA. Sobre isto, Pereira *et al*. (2024), ressaltam que experiências concretas fortalecem a autonomia docente e aprimoram intervenções pedagógicas alinhadas às demandas da escola pública. A afirmativa escrita por Ferreira *et al*. (2021), o desconhecimento, no caso do estágio supervisionado no EJA, além do cotidiano do educando, tanto no estágio laboral como o doméstico dele, o que, para Jesus (2024) revela uma inexperiência didática de grande porte.

O Estágio Supervisionado II configura-se como uma etapa fundamental na formação docente, pois possibilita ao licenciando vivenciar situações reais de ensino. Mota (2019), expõe fatores adicionais para o qual o licenciando em química não está adaptado como raça, etnia, cor gênero, dentre outros. Carbone (2013), afirma que o ingresso escolar em faixas etárias tardias é acompanhado de problemas de ordens diversas como o social, a física, já que a maior tem jornada laboral diária e extensiva, o que, devido ao cansado provocado, diminui o intelecto e a vontade de estudar.

Nesse aspecto, Ferreira, Sousa e Lopes (2024) as metodologias aplicadas ao ensino de química pode ser outro obstáculo que, no EJA, dificulte o aprendizado devido ao tradicionalismo do ensino de química. Gondim e Segatto (2015), estudantes do curso de Química da Universidade Federal de Uberlândia (IQUFU) que enfrentaram problemas no estágio supervisionado de química, relatam que os estagiários adentram as escolas, ainda não são personas bem-vindas a este meio, todavia eles possuem um embasamento teórico e buscam a prática de como ministrar o conteúdo até então apreendido na universidade.

Todas estas argumentações justificaram esta pesquisa, e incrementaram a relevância dela, já que ela reflete o que foi vivenciado durante as 100 horas de estágio supervisionado II. Toda a vivência desta carga horária, permitiu a elaboração do objetivo que foi: 1) Identificar os principais anseios dos educandos do EJA em relação ao ensino de Química; 2) Verificar se os temas empregados durante este estágio, despertaram interesse neles; 3) Avaliar a participação, nas aulas práticas, dos educandos no momento do estágio. Com isto espera-se gerar dados que possam orientar futuros estagiários a uma aplicação de práticas educacionais que insiram os educandos nas aulas a partir da vivência do cotidiano de cada um deles.

REFERENCIAL TEÓRICO

Estágio supervisionado

Para os cursos direcionados à Licenciatura, como o de Química, Freitas, Rodrigues e Nobre-da-Silva (2023), descrevem que esta etapa acadêmica tem base jurídica na Lei de Diretrizes e Bases de n.º 9.349 (BRASIL, 1996), que tem suporte jurídico, a partir da Lei n.º 11.788 (BRASIL, 2008), e é preconizado a partir das Diretrizes Curriculares quando os cursos possuírem abrangência às licenciaturas como o de Química. Garcez *et al*. (2012) Uma das formas de aplicação deste estágio, e que se revele proveito e participativo aos educandos, é uma proposição à escola onde será aplicado, uma opção de uma aula de "Química na prática domiciliar".

A formação inicial de professores vem sendo amplamente debatida na literatura educacional contemporânea, especialmente no

que diz respeito à articulação entre teoria e prática nos cursos de licenciatura. A Resolução do Conselho Nacional de Educação/Câmara Pedagógica - CNE/CP, nº 2 (ANEC, 2019) estabelece a necessidade de experiências formativas significativas nos estágios supervisionados, que devem ser orientadas por uma visão crítica da prática docente. Nesse sentido, autores como Libânio e Oliveira (2022) defendem que a formação precisa integrar o conhecimento científico com a prática pedagógica cotidiana, estimulando a reflexão sobre a realidade educacional.

No Brasil, as instituições de Ensino Superior, os estágios supervisionados estão inseridos na grade curricular. No estado do Pará, a Universidade deste estado (Universidade do Estado do Pará – UEPA) a partir da publicação da Resolução nº 3595 (PARÁ, 2020), no bojo de suas diretrizes nos cursos de licenciatura na área de Ciências da Natureza, onde está inserida a Química. Pareschi, Santana e Farinha (2023) destacam que a formação crítica se consolida. Portanto, a simples inserção do discente do curso de licenciatura de Química não é, por si só, capaz de fazê-lo adaptar-se à realidade dos componentes das salas de aula.

A prática educativa

Acerca desta prática é necessário mais que um estágio supervisionado porque neste, apenas é efetiva a chegada do estagiário do curso de licenciatura à sala de aula, sem a práxis necessária. Lomba e Schuchter (2023), afirmam se faz necessário um engajamento dos discentes e professores no decorrer da formação associado ao exercício da futura profissão para que haja uma transformação social efetiva. Na visão de Daitx e Ramos (2024), isto ocorrerá se metodologias ativas como a sala de aula invertida, conduzirem ao desenvolvimento de competências didáticas e

aproximar o licenciando de situações reais de ensino, tornando o processo formativo mais significativo.

A valorização da pesquisa na prática educativa constitui um pilar essencial da formação docente, especialmente quando o estágio é entendido como espaço de investigação e produção de saberes. Nesse sentido, Duarte, Cabral e de Melo (2025) afirmam que o estágio curricular fortalece a construção do professor-pesquisador ao incentivar a análise crítica das situações reais de ensino. De forma complementar, Santos (2025) destaca que a reflexão sistemática sobre a prática contribui para o desenvolvimento profissional, ampliando autonomia e capacidade de intervenção pedagógica. Assim, integrar pesquisa e prática torna-se fundamental para consolidar uma atuação docente crítica e transformadora.

De modo semelhante, Neves *et al*. (2024) evidenciam que as práticas pedagógicas inovadoras favorecem a articulação entre os conteúdos curriculares e as demandas concretas da prática docente, contribuindo para a implementação de estratégias mais dinâmicas e contextualizadas durante o estágio supervisionado. Além disso, as reflexões apresentadas por Júnior (2025) evidenciam que o exercício investigativo durante o estágio é fundamental para o fortalecimento da identidade docente, pois permite ao licenciando compreender criticamente os desafios contemporâneos da profissão.

A educação de jovens e adultos – EJA

No contexto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ocorreu o alinhamento da EJA com a Política Nacional da Alfabetização (PNA), a partir da resolução nº 01 (BRASIL, 2021). A garantia e a efetividade da EJA, está definida pela Resolução da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação -

CNE/CEB, n.º 3 (BRASIL, 2025). No art. 2º § 4º que esta fase de aprendizado deve levar em consideração as realidades culturais, além das formações sociais, aspectos territoriais, econômicos, dentre outros.

Concatenando com está afirmativa, de Paula (2011) preconiza que a EJA, necessita ser composta por identidades e culturas de seus integrantes para que se possa construir propostas integradoras entre eles e o que se pretende ministrar como docentes. Concomitantemente, Nascimento e Catiglia (2024), afirmam que esta modalidade educacional necessita urgentemente ser mais inclusiva, pois o meio rural ainda não é comtemplado tanto quanto o é o meio urbano, onde as matrículas atingem 9,5%, onde se nota uma distorção, não só neste aspecto, mas no fator idade-série, onde o quantitativo masculino é predominante.

Dentro desta perspectiva, Tolentino Filho (2025), a argumentação dele mostra que a EJA exercer o papel principal no quesito inclusão social, para que haja um resgate daqueles que não tiveram oportunidade de estudar em todas as escalas do ensino básico. Quando isto não ocorre, Souza, Patrício e de Oliveira (2021), identificaram falhas da EJA que se refletem na taxa de analfabetismo, como um espelho da não observância de uma inclusão efetiva, porque as interiorizações para a EJA inda não são adequadas, além disso, não há condições adequadas para que a permanência do educando seja concreta e seu aprendizado seja efetivo.

O estágio de Química na educação de jovens e adultos – EJA

Uma das aplicações da EJA é promover um retorno à sala de aula de educandos cujas dificuldades para o ingresso ou

continuidade dos estudos sofreram entraram em colapso. Santos (2024), identificou que este nível de ensino tem como participantes aquelas pessoas que, por motivos diversos como ser o arrimo da família, logo, a química é identificada como uma matéria difícil. Outro fato destacado por Ramo (2019), envolve o método de aplicação desta disciplina na EJA. Ele destaca que as aulas apresentam caráter meramente expositiva o que eleva a não fixação do conteúdo e o interesse pela disciplina, além da caracterização do difícil, ainda se torna complexa.

Acerca da solução para este aspecto, Silva e Costa (2022), o uso da catarse, envolve quantidade e qualidade do ensino, deve-se fazer uma seleção delas, abrangê-las de forma que permitam uma exploração mais efetiva pelos educandos da EJA, o que irá lhes permitir alcançar um grau mais elevado do aprendizado. Na visão de Alves e Latini (2025), o melhor princípio para o ensino de química é o respeito ao saber que o educando transporta até a sala de aula da EJA, ou seja, a abrangência do cotidiano dele e avaliá-lo em função da química como a formação de chorume em lixões a céu aberto.

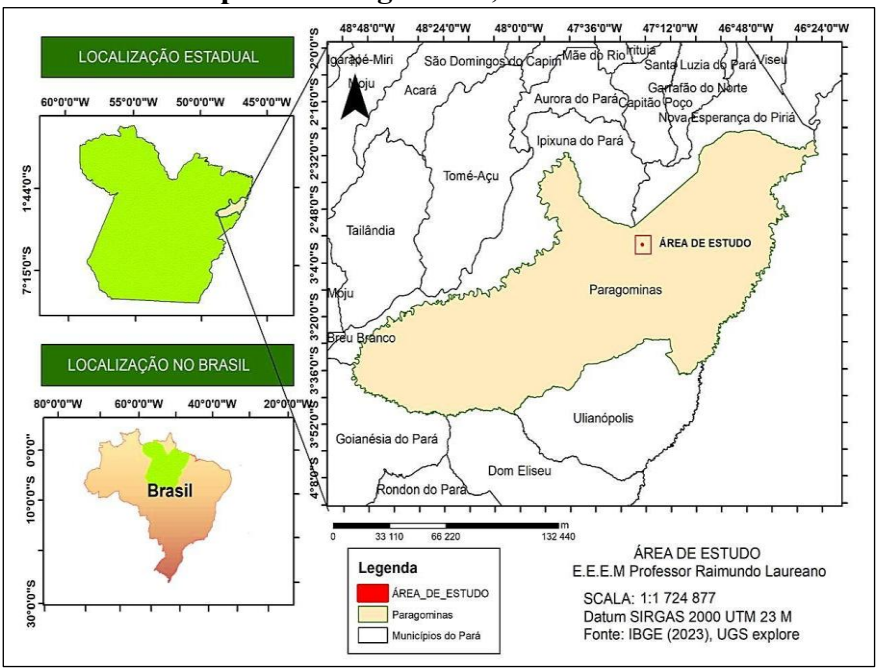
Porém, Santos, Rodrigues Filho e Amauro (2016) os exemplos retirados do dia a dia não pode embasar e contextualizar o ensino de química na EJA, e sim o vínculo que deve ser construído a partir de discussões e reflexões com a participação do educando e de seu cotidiano. Outro fator para que a melhoria estágio de química e educandos da EJA é despertar o interesse deles para a disciplina. Costa *et al*. (2024) afirmam que a aplicação de aulas expositivas dialógicas seguidas de prática química, tende a apresentar maior participação e interesse pela química.

METODOLOGIA

Fisiografia do município

O município de Paragominas (Figura 1), localiza-se a sudeste no estado do Pará, a 316 km da Região Metropolitana de Belém (RMB). Geograficamente apresenta as coordenadas geográficas: Latitude 2º 59'51" Sul; Longitude 47º21'13" Oeste. Possui uma área territorial equivalente a 19.343 km² (31.1% do território paraense). E pertence a integração do rio Capim (PARÁ, 2023). A precipitação anual oscila entre 1,500 mm e 2.500 mm (GUEDES *et al*., 2025).

Figura 1 - Mapa de localização do município de Paragominas, Sudeste Paraense

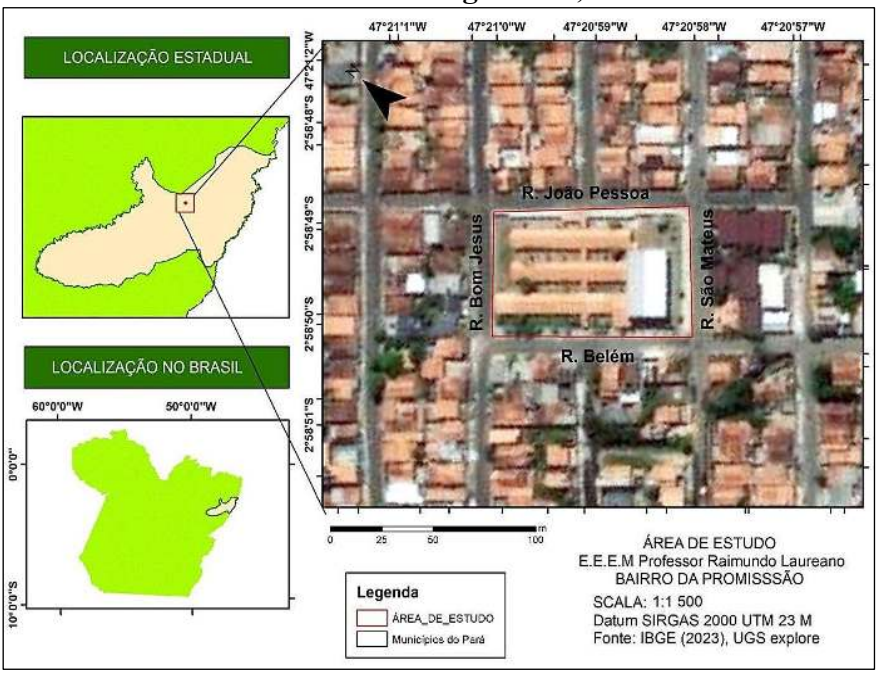


Fonte: Elaboração própria.

Local da pesquisa

A pesquisa teve como cenário a Escola Estadual de Ensino Médio Professor Raimundo Laureano da Silva Souza, localizada na rua Belém, s/n, bairro Promissão II, município de Paragominas, no sudeste paraense (Figura 2) que presta serviços educacionais a EJA - Ensino Médio. O período realização deste estágio acadêmico, foi de novembro a dezembro de 2024, totalizando 100 horas, como partes componentes do Estágio Supervisionado II do curso de Licenciatura em Química da Universidade do Estado do Pará (UEPA), durante os meses de novembro e dezembro de 2024.

Figura 2 - Vista superior da E. E. E.M. Raimundo Laureano da Silva Souza. Paragominas, Sudeste Paraense



Fonte: Elaboração própria.

Amostragem

A amostra da pesquisa foi composta educandos de duas séries do ensino médio (∑ = 60 educandos, sendo 30 do 1º ano. e 30, do 2º ano do ensino médio) período noturno, que atuaram nas atividades ministradas pelo estagiário sob supervisão da professora regente da disciplina de Química. A metodologia aplicada foi a expositiva e dialogada, que permitiu maior assimilação do tema, com maior eficácia (Quadro 1). Acerca destas duas metologias elas foram empregadas em função do exposto pelo Centro de Produções Técnicas (CPT, 2023), a primeira (expositiva) é clássica com os educandos em posição passiva, já a segunda (dialogada), o docente insere o educando no contexto do conteúdo aplicado, o que dinamiza a sala de aula.

Quadro 1 - Temas trabalhados e metodologias aplicadas em sala de aula durante o estágio supervisionado

Aula n.º	Tema Trabalhado	Metodologia Aplicada
1	Ácidos e Bases	Aula expositiva e dialogada
2	Propriedades dos Materiais	Aula prática com experimentação
3	Reações Químicas do Cotidiano	Resolução de problemas
4	Identificação de Substâncias	Aula prática com pH caseiro*

Fonte: Elaboração própria, 2025.
Nota: * O termo "pH caseiro" Trata-se do uso de indicadores naturais produzidos a partir de materiais acessíveis, como o extrato de repolho roxo, que muda de cor conforme a acidez ou basicidade da substância testada.

Essa prática permite realizar a identificação aproximada do pH sem o uso de equipamentos laboratoriais, tornando-se uma alternativa viável para aulas práticas em contextos com poucos recursos.

Obtenção de dados

Dados primários

Os dados primários foram coletados por meio de observações diretas, registros em diário de campo, planejamento de aulas e participação nas atividades realizadas durante a regência. Após a obtenção deles, fez-se a análise com base nos expostos por Duarte, Cabral e de Melo (2025). Estes autores relataram que estes tipos de dados devem ser organizados e interpretados à luz da formação docente e práticas pedagógicas. Santos (2024), relata que estes dados devem explicitar a relevância das metodologias ativas e das experiências concretas no desenvolvimento profissional docente; 3) Daitx e Ramos (2024) e Neves *et al*. (2024), tal análise deve ocorrer a partir da referência e da compreensão de que o estágio supervisionado constitui espaço fundamental de articulação entre teoria e prática.

Dados secundários

Os dados secundários foram obtidos em *links* eletrônicos relacionados ao tema deste estudo, com acesso livre e disponibilizados integralmente, assegurando melhor leitura e

interpretação das informações como: Portal de acesso da Coordenação de Aperfeiçoamento de

Pessoal do Ensino Superior – CAPES, Google Scholar, Semantic Scholar, periódicos especializados em publicações sobre educação, dentre outros. O recorte temporal compreendeu publicações entre 2010 e 2025, selecionando materiais relevantes para o ensino de Química e para a compreensão dos desafios da prática docente.

Análise estatística dos dados

Os dados obtidos foram analisados estatisticamente com o uso da estatística descritiva: frequência absoluta (*fi*); relativa (*fr* %); média e desvio padrão ($x \pm \sigma$). Em seguida, os valores identificados foram tabulados de acordo com as normativas estabelecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1993).

Método aplicado

O presente estudo tem abrangência quantiqualitativa, de natureza exploratória e descritiva (PEREIRA *et al*., 2018). Acerca desta dicotomia, Cardoso (2020) identifica o termo "quantitativo" como demonstrador de dados estatísticos numéricos, e o qualitativo, aquele que participa com a descrição dos dados obtidos. Estes dois relatos justificaram tal aplicação nestes estudos. Para uma aplicação mais efetiva desta metodologia, seis etapas (Quadro 2).

Em relação às **considerações éticas**, foram respeitados os princípios da ética em pesquisa, garantindo o anonimato dos participantes e a não exposição de informações sensíveis, conforme

diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CSN, 2016).

Quadro 2 - Seis etapas empregadas na aplicação do método para execução deste estudo

Etapas	Características
1	Observação das aulas ministradas pela professora regente, com registro das estratégias didáticas utilizadas, da participação dos educandos e da gestão de sala de aula.
2	Participação em atividades escolares, como planejamentos, conselhos de classe e reuniões pedagógicas, a fim de compreender a dinâmica institucional.
3	Elaboração de planos de aula com base na BNCC (BRASIL, 2015) e nos conteúdos previstos pela escola, alinhando teoria e prática.
4	Aplicação das aulas elaboradas, utilizando metodologias diversificadas como experimentação, aulas expositivas dialogadas e resolução de exercícios em grupo.
5	Avaliação das aulas ministradas, por meio da análise da participação dos educandos, da clareza dos conteúdos trabalhados e do cumprimento dos objetivos didáticos.
6	Reflexão crítica registrada em diário de bordo, relacionando teoria e prática e identificando os aspectos a serem aprimorados na atuação docente

Fonte: Elaboração própria.

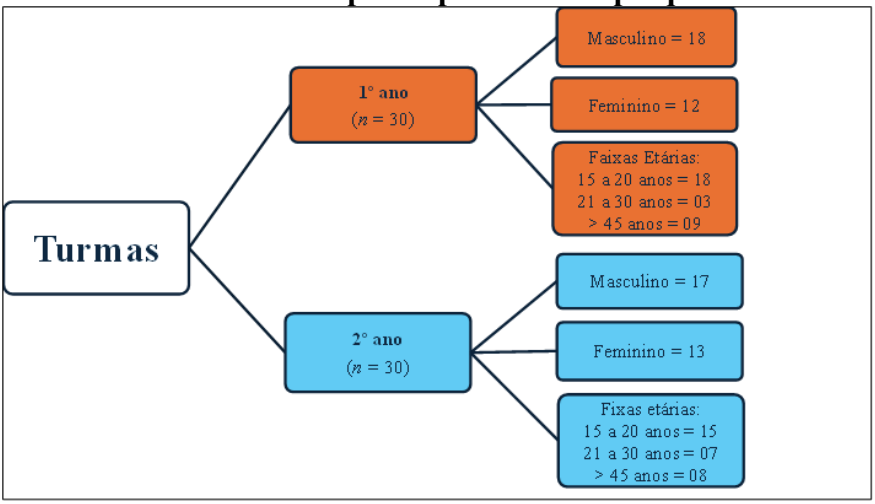
RESULTADOS

Dados sociais dos educandos

A análise dos dados obtidos indicou que a gênero masculino (n = 35) foi prevalente no grupo de estudo participante quando

comparado ao feminino (n = 25); na faixa etária, os dados indicaram que os jovens (15 a 20 anos) foram mais frequentes (n = 18). Quanto a condição socioeconômica, observou-se uma similaridade (Figura 3).

Figura 3 - Dados sociais pertencentes aos educandos participantes desta pesquisa



Fonte: Elaboração própria.

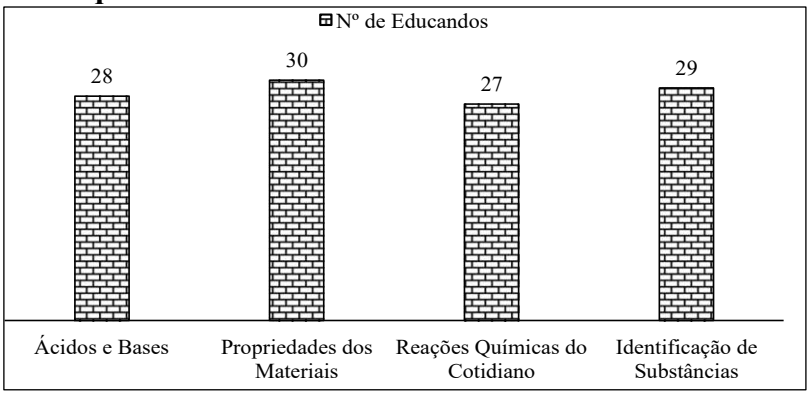
Quanto ao fator econômico, os dados obtidos e analisados, para o gênero masculino, a maioria (66,6%) são diaristas (serviços temporários; da auxiliar da construção civil; atendentes em bares, lanchonetes, restaurantes, parques, dentre outros); outros (10%) atuam em negócios próprios (refrigeração; oficinas de bicicletas e motocicletas, dentre outros) e, apenas uma minoria (12,3 %), são celetistas. Quanto a atividade desempenhada pelo gênero feminino, os dados indicaram que elas ocupam cargos informais como auxiliar de forma direta (40%) o genitor nas funções autônomas que elas

exercem; outras atuam em trabalhos autônomos como diaristas em serviços de limpeza doméstica (15%); as demais (44,3%), são exclusivamente do lar, ou seja, donas de casa.

Temas abordados

Os dados obtidos e analisados indicaram que, dos quatro temas abordados: 1) Ácidos e bases; 2) Propriedades dos materiais; Reações Químicas do Cotidiano; 4) Identificação de substâncias. Duas delas, propriedades dos materiais e identificação das substâncias químicas foram os temas mais aceitos e frequentados pelos educandos (Figura 4).

Figura 4 - Temas aplicados e a frequência dos educandos do 1º e 2º do ensino médio



Fonte: Elaboração própria.

Frequência e participação dos educandos às aulas ministradas

Das quatro metodologias aplicadas: 1) aula expositiva dialogada; 2) práticas com experimentação; 3) resolução de problemas e 4) uso de pH caseiro, a análise dos dados obtidos indicou que o interesse foi mais efetivo na aula 2 (82%), e na 4 (78%). Isto evidencia uma proximidade com o cotidiano destes educandos, em especial as do sexo feminismo que exercem suas atividades em prendas domésticas (Tabela 1).

Tabela 1 - Frequência dos educandos do 1º e 2º ano do ensino médio nos quatro tipos de aulas aplicadas

Metodologias aplicadas	Nº de Educandos Presentes	Participação Ativa (%)
1	28	75
2	30	82
3	27	70
4	29	78

Fonte: Elaboração própria.

DISCUSSÃO

O gênero feminino

A inserção do gênero feminino em salas de aula, é um avanço em função da exclusão social devidos aos diversos papeis exercidos na sociedade como a maternidade. Por isso, a aplicação dos planos

de aula como as metodologias ativas, ou seja, aulas dialogadas, para os educandos do EJA, mostrou-se uma resolução de problemas e experimentações simples, e contribuiu para a ampliação do interesse dos educandos e maior participação nas aulas de Química. Sousa *et al*. (2019), explicam que o método e a prática são fatores de inclusão, pois o professor ou estagiário é o intermediário do conhecimento da disciplina ministrada, e isto permite a autonomia do aprendizado.

Os dados desta frequência para este gênero, na visão de Lina, Wiese e Haracemiv (2021) resultam de uma necessidade de retorno em busca de proporcionar mudanças na vida pessoal, após um abandono escolar, submissão a preconceitos, busca por melhorias socioeconômicas. Rosa *et al*. (2023), complementa a explicação efetiva pelos outros autores, quando relatou que este retorno vem acompanhado de histórias cuja compreensão pelo estagiário/docente deve ser compreendida, então, a frequência delas no período de estágio na EJA, é uma determinação para que as mudanças realmente ocorram no cotidiano delas, após vivenciar aspectos negativos na composição de vida.

As abordagens temáticas na EJA

As temáticas abordadas durante a regência incluíram conteúdos de funções inorgânicas e propriedades dos materiais, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2015). As atividades foram planejadas de forma contextualizada, com o intuito de aproximar os conteúdos científicos à realidade dos educandos. A título de exemplo, a abordagem sobre ácidos e bases envolveu discussões sobre o pH de produtos utilizados no cotidiano, o que favoreceu a compreensão conceitual e despertou o senso crítico dos educandos.

Moraes *et al*. (2023), relatam que, muitas vezes, a escolha dos temas anulados é por deficiência de estruturas como a ausência de um laboratório adequado para aulas práticas, o que determina um desinteresse do educando. Outro fator que torna a EJA ainda não estabilizada no ensino médio, na visão de Bezerra e Sampaio (2022), é o quantitativo do conteúdo, bem como o tempo estipulado para efetivá-lo que, na EJA, é inferior ao praticado em outros estabelecimentos de ensino regular. Embora o estagiário/docente ressalte a importância no cotidiano do educando, estes fatores o levam a classificar a disciplina de química, muito complexa.

A frequência às aulas

A participação ativa dos educandos foi registrada nos diários de campo e evidenciada durante as atividades práticas. Todavia, Trentin (2022), alerta para o fato de que as práticas na EJA, devem sempre envolver o cotidiano dos educandos envolvidos com o conteúdo e a heterogeneidade deles. Isto indica que a participação ativa dos educandos em aulas práticas, na visão de Lima e Pimenta (2018), proporciona uma imersão no ambiente escolar que favorece a construção da identidade docente e a ressignificação dos saberes teóricos.

Além disso, as interações com a professora regente e demais docentes da escola permitam uma efetividade no trabalho colaborativo. Sousa *et al*. (2019), relatam que os educandos frequentadores deste nível em ensino, precisam de estímulos diretos com a oferta de aulas práticas para elevar a frequência.

A vivência em reuniões de planejamento e conselhos de classe revelou os desafios enfrentados pela equipe pedagógica, como a gestão de indisciplina e as dificuldades de aprendizagem, aspectos que exigem preparo e sensibilidade do futuro professor, como

ressaltado por Libâneo (2001). Por fim, destaca-se que futuras investigações poderão explorar o impacto de metodologias ativas no ensino de Química em escolas com diferentes contextos socioeconômicos, assim como o papel da formação continuada de professores no aprimoramento dessas práticas.

CONCLUSÃO

O estágio supervisionado II, com carga horaria de 100 horas, aplicado aos educandos do EJA, evidenciou que a disciplina de química, aplicado de forma simples garantiu uma melhor compreensão dos conteúdos pelos educandos os mesmos tiveram um melhor desenvolvimento nas aulas práticas experimentais com um alto nível de participação ativa, isso destaca que voltando o ensino de química para o cotidiano dos educandos obtém-se uma melhor compreensão do conteúdo

No que diz respeito à prática educativa, os dados obtidos mostraram que metodologias ativas e estratégias contextualizadas são essenciais para tornar o ensino de química mais significativo e de melhor compreensão para os educandos, a experiência no EJA mostra que o diálogo e a investigação ampliam o engajamento e a construção de saberes da disciplina de química pelos educandos.

A análise das práticas educativas durante a ocorrência do estágio supervisionado II reforçou as especificidades da EJA, que envolvem diversidade etária, trajetórias interrompidas e demandas socioculturais próprias. O estágio confirmou que o ensino precisa ser flexível e sensível às realidades dos educandos, voltando o conteúdo de química para o cotidiano.

Quanto ao estágio de Química na EJA, as atividades realizadas evidenciaram que a contextualização, o uso de exemplos

do cotidiano e a aplicação de experimentações simples favorecem a aprendizagem, a experiência mostrou que, quando o ensino se aproxima da realidade dos educandos, tanto o interesse quanto a participação aumentam, fortalecendo o papel transformador da Química na formação crítica desses sujeitos.

Apesar dos resultados positivos, esta pesquisa apresentou limitações que influenciaram o desenvolvimento das atividades: o tempo reduzido de regência, que restringiu a aplicação de sequências didáticas mais amplas; a falta de laboratório equipado, que impossibilitou experimentações mais complexas; e a heterogeneidade dos níveis de aprendizagem, que exigiu constantes adaptações pedagógicas. Tais limitações refletem desafios reais do cotidiano escolar, reforçando a necessidade de investimentos estruturais e de continuidade na formação do futuro docente.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. J. F. C. *et al.* **O estágio como contributo da formação docente em geografia**: articulação entre escola e universidade (Tese de Doutorado em Educação). São Paulo: PUC-SP, 2022.

ANEC - Associação Nacional de Educação Católica do Brasil. **Resolução CNE CP/CES** n**. 2 de 20 de dezembro de 2019**. Brasília: ANEC, 2019. Disponível em: <www.anec.org.br>. Acesso em: 12/04/2026.

BEZERRA, C. W. B.; SAMPAIO, D. G. "A química na EJA: sequências e organização dos conteúdos em escolas estaduais da região nordeste". **Conjecturas**, vol. 22, n. 16, 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2015. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 12/04/2026.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Planalto, 1988. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 12/04/2026.

BRASIL. **Diretrizes Bases Da Educação Nacional**. Brasília: Planalto, 1996. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 12/04/2026.

BRASIL. **Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Brasília: Planalto, 2008. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 12/04/2026.

BRASIL. **Resolução n. 1, de 25 de maio de 2021**. Brasília: Planalto, 2021. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 12/04/2026.

BRASIL. **Resolução n. 3, de 08 de abril de 2025**. Brasília: Planalto, 2025. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 12/04/2026.

BRAZIER, F.; BARROS, A. A. M. **Formação Continuada de professores e práticas pedagógicas**: Desafios e possibilidades do século XXI. Jundiaí: Paco Editorial, 2022.

CARBONE, S. A. B. **Dificuldades de aprendizagem na educação de jovens e adultos**: uma reflexão com alfabetizadores da EJA (Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Educação). Medianeira: UTFPR, 2013.

CARDOSO, A. P. A. “Investigação quantitativa: da clássica dicotomia quantitativo-qualitativo à complementaridade metodológica”. **Millenium**, vol. 2, n. n. 5, 2020.

CNS - Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 12/04/2026.

COSTA, R. S. **Estágio supervisionado na Educação de Jovens e Adultos**: construindo saberes e experiências formativas (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação a em Ciências Biológicas). Belém: UFPA, 2024.

CPT - Centro de Produções Técnicas. **7 tipos de aulas e seus respectivos conceitos**. Viçosa: CPT, 2023. Disponível em: <www.cpt.com.br>. Acesso em: 12/04/2026.

DAITX, T. R.; RAMOS, J. C. S. “Sala de aula invertida: uma metodologia ativa e sua aplicabilidade na EPT através de recursos digitais”. **ResearchGate** [2025]. Disponível em: <www.researchgate.net>. Acesso em: 12/04/2026.

DUARTE, F. S. D.; CABRAL, M. A. S.; MELO. P. A. G. “Estágio curricular como possibilidade de formação do professor-pesquisador”. **Revista Foco**, vol. 18, n. 5, 2025.

FERREIRA, J. H. M.; SOUSA, A. C.; SANTOS, L. N. L. “Estágio supervisionado em turmas de EJA: um relato de experiência de licenciandas em química”. **Anais do XXII Encontro Nacional de Ensino de Química**. Belém: UFPA, 2024.

FERREIRA, M. J. *et al*. “Reflexões sobre a prática pedagógica no estágio supervisionado: formação docente em foco”. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, vol. 16, 2021.

FREITAS, L. L.; RODRIGUES, R.; NOBRA-DA-SILVA, N. A. "O estágio supervisionado no curso de licenciatura em química: desafios e possibilidade na percepção dos estagiários". **Revista Nova Paideia**, vol. 5, n. 2, 2023.

GARCEZ, E. S. C. *et al*. "O estágio supervisionado em Química: possibilidades de vivência e responsabilidade com o exercício da docência". **Alexandria. Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, vol. 5, n. 3, 2012.

GONDIM, M. S. C.; SEGATTO, M. S. "O estágio supervisionado e suas dificuldades na visão de estagiários em licenciatura em Quimica do IQUFU". **Anais do X Encontro Nacional de Pesquisas em Educação e Ciências**. São Paulo: USP, 2015.

GUEDES, F. L. *et al.* "Microclima e vegetação: uma avaliação na cidade de Paragominas". **Revista Brasileira de Climatologia**, vol. 37, 2025.

IBGE - Instituo Brasileiro de Geografia e Estatistica. **Normas de apresentação tabular**. Rio de Janeiro: IBGE, 1993. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 12/04/2026.

JESUS, G. B. **Desenvolvimento profissional docente de química no contexto do estágio supervisionado dos institutos federais de educação, ciência e tecnologia de Goiás** (Tese de Doutorado em Educação Científica e Tecnológica). Florianópolis: UFSC, 2024.

LIBÂNEO, J. C. "Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas". **Educar em Revista**, n. 17, 2001.

LIMA, M. S. L.; PIMENTA, S. G. **Estágio e docência**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

LOMBA, M L. R.; SCHUCHTER, L. H. “Profissão docente e formação de professores/as para a educação básica: reflexões e referenciais teóricos”. **Educação em Revista**, n. 39, 2023.

MORAES, A. A. “A importância de professores experientes para a formação de estudantes de licenciatura”. *In*: MACHADO, L. **Letras e Educação: encontros e inovações**. São Paulo: Editora Dialética, 2024.

MORAES, C. S. C. *et al.* “O ensino de química na EJA no contexto das escolas brasileiras”. **Anais do XV Encontro De Educação Em Química**. Salvador: UFRB, 2023.

MOTA, A. D. S. “Os desafios e possibilidades da educação de jovens e adultos (EJA): uma reflexão sobre a formação do educador”. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, vol. 4, n. 12, 2019.

NASCIMENTO, J. M.; CASTIGLIA, A. “Os desafios e perspectivas da Educação de Jovens e Adultos no Brasil”. **Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos**, vol. 7, n. 13, 2024.

NEVES, I. S. V. *et al.* **Boas práticas pedagógicas e Gestão Inovadora**. São Paulo: Editora Pimenta Cultural, 2024.

PARÁ. **Perfis econômicos vocacionais dos municípios paraenses**: Paragominas. Região de Integração do Rio Capim. Belém: FAPESPA, 2023.

PARÁ. **Resolução n. 3593, de 19 de maio de 2020**. Belém: UFPA, 2020. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 12/04/2026.

PARESCHI, C.; Z.; SANTANA, M. C.; FARINHA, M. G. **Papo de professores práticas e formação de professores**. Santo André: V&V Editora, 2023.

PEREIRA, A. S. *et al.* **Metodologia da pesquisa científica**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2018.

RAMO, L. B. "Metodologias para o ensino de quimica na modalidade EJA; uma revisão sistemática da literatura". **Revista Debates em Ensino de Química**, vol. 5, n. 2, 2019.

ROSA, E. C. *et al.* "A trajetória de mulheres estudantes da Educação de Jovens e Adultos: um olhar para as questões de gênero". **Revista Transmutare**, vol. 8, 2023.

SANTOS, J. P. V.; RODRIGUES FILHO, G.; AMAURO, N. Q. "A Educação de Jovens e Adultos e a disciplina de quimica na visão dos envolvidos". **Quimica Nova Escola**, vol. 38, n. 3, 2016.

SANTOS, R. C. L. **Metodologias para o ensino de química no EJA**: uma revisão bibliográfica (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Química). Cuité: UFCG, 2024.

SILVA, J. L. S.; COSTA, L. S. O. **Ensino de química na educação de Jovens e Adultos**: à luz da pedagogia histórico-crítica. Anápolis: Editora da IFG, 2022.

SOUSA, E, F. L. *et al.* "Métodos e práticas de ensino de química na EJA: reflexões e perspectivas". **Anais do VI Congresso Nacional De Educação**. Campina Grande: Editora Realize, 2019.

TOLENTINO FILHO, D. "Educação de jovens e adultos no Brasil: avanços, desafios e perspectivas". **Internacional Integralize Scientific**, vol. 5, n. 46, 2025.

TRENTIN, V. B. “Práticas pedagógicas na EJA: o que a sala de aula revela?” **Revista do Centro de Educação – UFSM**, vol. 47, 2022.